

O PROCESSO DE TRANSMISSÃO GERACIONAL: PERSPECTIVAS DE JOVENS PESCADORES ARTESANAIS

THE MANAGEMENT TRANSMISSION PROCESS: PERSPECTIVES OF YOUNG ARTISAN FISHERMEN

EL PROCESO DE TRANSMISIÓN GENERACIONAL: PERSPECTIVAS DE JÓ-VENES PESCADORES ARTESANALES

CARDOSO, Poliana Oliveira

DOULA, Sheila Maria

MOREIRA, Diego Camelo

DIAS, Diana Leonardo

RESUMO

O objetivo do presente artigo é identificar como jovens pescadores artesanais da Reserva Extrativista de Arraial do Cabo, no estado do Rio de Janeiro, interpretam a continuidade da atividade pesqueira transmitida pelos mais velhos. Para tanto, foi realizada uma pesquisa de campo nos meses de agosto e novembro de 2016, no qual se obteve 38 entrevistas com pescadores artesanais de diferentes gerações que residem na Resexmar de Arraial do Cabo, das quais nove entrevistas com jovens entre 15 e 29 anos foram selecionadas para construção desse artigo. Os resultados mostram que maior parte dos jovens têm origem em famílias de pescadores, os quais herdaram a profissão acompanhando os pais e avós nas embarcações e ganharam experiência por meio da observação do cotidiano. No entanto, os jovens e suas famílias não apresentaram entusiasmo na construção de perspectivas futuras de continuidade para a atividade, devido às dificuldades enfrentadas no contexto atual como a expansão das atividades turísticas na área, falta de fiscalização dos órgãos responsáveis e a não valorização da profissão de pescador artesanal pela sociedade.

Palavras-chave: Juventude. Pesca artesanal. Transgeracionalidade.

ABSTRACT

The objective of this article is to identify how the youngest of artisanal fishermen of the Extractive Reserve of Arraial do Cabo, in the state of Rio de Janeiro, interprets the continuity of the fishing activity transmitted by the elders. For that, a field survey was carried out in August and November 2016, in which 38 interviews were obtained with artisanal fishermen of different generations residing in the Resexmar of Arraial do Cabo, of which nine interviews with young people between 15 and 29 years old were selected to construct this article. The results show that most of the youngsters have their origins in fishing families, inherited the profession by accompanying their parents and grandparents on the vessels and gained experience by observing daily life. However, the young people and their families don't build future perspectives of continuity for the activity due to the difficulties faced in the current context as the expansion of the tourist activities in the area, lack of inspection of the responsible organs and the nonvaluation of the profession of artisanal fisherman by the society.

Keywords: Youth. Artisanal fishing. Transgenerationality.

RESUMEN

El objetivo de este artículo es identificar cómo jóvenes pescadores artesanales de la Reserva Extractiva Arraial do Cabo, en el estado de Rio de Janeiro, interpretan la continuidad de la actividad pesquera transmitida por sus mayores. Para eso, se realizó una investigación de campo entre los meses de agosto y noviembre de 2016, donde se obtuvieron 38 entrevistas con pescadores artesanales de diferentes generaciones que residen en la Resexmar de Arraial do Cabo, de las cuales nueve entrevistas a jóvenes con edades entre 15 y 29 años fueron seleccionadas para la construcción de este artículo. Los resultados muestran que la mayoría de los jóvenes provienen de familias de pescadores, quienes heredaron la profesión al acompañar a sus padres y abuelos en los barcos y adquirieron experiencia a través de la observación de su vida diaria. Sin

embargo, los jóvenes y sus familias no mostraron entusiasmo en la construcción de perspectivas futuras de continuidad para la actividad, debido a las dificultades que enfrentan en el contexto actual, como la expansión de la actividad turística en la zona, la falta de supervisión por parte de los órganos responsables y la falta de valoración de la profesión de pescadores artesanales por la sociedad.

Palabras clave: Juventud. Pesca artesanal. Transgeneracionalidad.

INTRODUÇÃO

Diegues (2000, 2004) define a pesca artesanal como aquela praticada em pequena escala, na qual do total da produção uma parte é destinada ao consumo da família e a outra parte é comercializada. Podese dizer ainda, de acordo com o autor, que a unidade de produção dos pescadores geralmente é constituída pela família ou por uma tripulação formada por conhecidos e parentes. A tradição é um aspecto que está relacionado à pesca artesanal, como ressaltam os trabalhos de Diegues, no domínio do saberfazer que forma a essência da profissão e que permite aos pescadores se reproduzirem como tais. Esse controle da "arte da pesca" é transmitido pelos mais velhos, como acervo cumulativo ao longo das gerações, adquirido pela experiência. O autor, menciona também que a pesca artesanal brasileira possui características complexas, levando-se em consideração os fatores sociais, políticos, institucionais, econômicos e ambientais específicos de cada local onde a atividade é praticada.

Para Silva (2014), não existe um consenso a respeito do significado do termo pesca artesanal, pode ser definida como uma atividade que possui características opostas à pesca de larga escala. Explica que a pesca artesanal é uma categoria formulada pelo Estado, e refere-se a um posto de trabalho que tem características como a arte de fazer extração de pescados e maricultura, uso de técnicas tradicionais e confecção de petrechos. Além disso, a qualificação profissional do pescador artesanal é realizada a partir da tradição oral familiar ou comunitária. Ainda com base em Silva (2014), a pesca artesanal é definida como uma atividade de extração e de coleta do pescado e de frutos do mar, em que os pescadores atuam em regime de parceria, sem vínculos empregatícios, sendo o envolvimento de familiares e a solidariedade outras características da atividade.

A autora destaca que a pesca artesanal é fundamentada na produção de saberes construídos fora da escola formal, nas relações de sociabilidade e nas práticas solidárias cotidianas de parcerias. Realça que se trata de um saber construído pela oralidade, trajetões e "errâncias"; o pescador artesanal aprende a atividade pela conversação e pelas formas de tecer a sociabilidade.

O Registro Geral da Atividade Pesqueira – RGP (2014) mostra que existem no Brasil cerca de um milhão de pescadores marinhos artesanais, que historicamente residem em comunidades distribuídas ao longo do litoral brasileiro ou nas bacias hidrográficas. Aproximadamente 45% de toda a produção anual de pescado desembarcada são provenientes dessa atividade.

Trabalhos como os de Diegues (2000), Capellesso e Cazella (2011) e Silva (2014), mostram que adversidades como o aumento da exploração dos estoques, o crescimento desordenado da atividade, métodos inadequados de coleta do pescado, poluição costeira e os conflitos existentes entre a pesca artesanal e a pesca industrial têm refletido no abandono da atividade, constatado primeiramente com os filhos dos pescadores que têm buscado desenvolver outras atividades econômicas. Capellesso e Cazella (2011), salientam que esse abandono faz com que o desejo dos pais de que os filhos continuem com a tradição ligada à pesca artesanal entre em confronto com as dificuldades de sobreviver exclusivamente da atividade, colocando em risco a sustentabilidade geracional dessas famílias.

Pesquisas de diferentes áreas do conhecimento como as Ciências Humanas, Biológicas e Multidisciplinar têm ressaltado os conflitos cotidianos entre as modalidades artesanais e industriais, as novas possibilidades de gestão e a criação das áreas marinhas e, apesar de ainda ser pequeno, é crescente o número de trabalhos que focalizam a vivência dos jovens pescadores artesanais. Especificamente, publicações nacionais e internacionais recentes têm mostrado a importância de temas como: educação, saúde,

conhecimento tradicional, identidade e inserção do jovem na atividade pesqueira, configurando a emergência de um novo ator social, o “jovem das águas”.

Fernández (2015), por exemplo, ao pesquisar jovens pescadores do município de Armería, do estado de Colima no México, mostra que as alterações na identidade juvenil são influenciadas pelo contexto social mais amplo, tornando conflitantes os significados culturais tradicionais e os significados culturais emergentes, o que implica em atribuir um novo sentido à pesca e ao trabalho na pesca. O autor verificou que a geração conhecida como “jovens da pesca” demanda politicamente por segurança e sistemas de proteção, redução da desigualdade e reconhecimento social, visando restaurar a autoestima perdida; e, ao contrário das gerações mais velhas que representavam o trabalho como algo penoso, os jovens reconstróem o esquema cultural da pesca pelo viés naturalista do contato com o mar, do prazer e da liberdade como um novo estilo de vida no qual o risco e o perigo, antes lamentados, passam a ser valorizados positivamente como sinais de valentia, arranjo e orgulho.

No Brasil, investigações como as de Vieira, Moraes e Nunes (2013) e Araújo (2011), ao estudarem a vivência dos jovens em comunidades de pescadores artesanais no litoral amazônico, da Bahia e do Ceará, realçam a necessidade de se buscar na educação juvenil formas interdisciplinares que dialoguem com a realidade, valorizando o conhecimento tradicional e sincronizando a atividade de pesca à vida escolar.

Na esfera da saúde, Machado e Ribeiro (2012) analisam, sob o ponto de vista dos próprios jovens, o quanto é crescente o consumo de álcool e drogas pelos pescadores, o que acarreta problemas em diferentes esferas da vida social, sobretudo, à saúde. Chiba et al.(2012), a partir de estudo em Cananéia, litoral de São Paulo, utilizando-se da avaliação de dados da literatura e de bancos de dados institucionais, observaram que pescadores artesanais jovens estão preferindo se inserir na pesca industrial, sendo este um fator apontado pelos autores como contribuinte para a diminuição da pesca artesanal ao longo dos anos.

A partir desse panorama, objetivo deste trabalho é analisar como a geração mais jovem de pescadores artesanais da Reserva Extrativista Marinha de Arraial do Cabo, no estado do Rio de Janeiro, problematiza a continuidade da atividade pesqueira transmitida pelos mais velhos, como interpreta a valorização da profissão pela sociedade contemporânea e como avalia, a partir da trajetória histórica do ofício e de aprendizado, as perspectivas futuras para o exercício da profissão.

MATERIAL E MÉTODOS

Este trabalho se propõe a analisar os aspectos contemporâneos que permeiam a expectativa de continuidade da profissão de pescador artesanal entre os jovens pescadores da Reserva Extrativista de Arraial do Cabo (Figura 1), destacando a interação desses indivíduos com diferentes esferas (econômicas, sociais, jurídicas, culturais e ambientais). Para tanto, uma pesquisa de campo para coleta de dados foi realizada, na qual foram feitas 38 entrevistas com pescadores artesanais de diferentes gerações que residem na Resexmar de Arraial do Cabo RJ. Destas, foram selecionadas nove para a construção deste artigo, que correspondem às entrevistas com jovens entre 15 e 29 anos.

Durante a pesquisa de campo, optouse pela realização de entrevistas de profundidade, uma vez que a mesma fornece um perfil qualitativo e como explicam Bauer e Gaskell (2014), tratase de uma conversação que normalmente dura o tempo entre uma hora e uma hora e meia, para a qual o pesquisador terá preparado um tópico guia cobrindo os temas centrais e problemas de pesquisa. Durante a pesquisa de campo na Resexmar, a duração das mesmas variou entre meia hora e até duas horas de conversação. Os temas elencados no roteiro abrangiam questões referentes a como se tornaram pescadores, como aprenderam a profissão, como é exercida a atividade, formas de remuneração, pontos positivos e negativos da pesca, se exercem outras atividades econômicas além da pesca, se gostariam que os filhos mantivessem a profissão no futuro e como interpretam a continuidade da pesca artesanal no município e na Resexmar. As entrevistas foram realizadas em diferentes locais como as praias onde os pescadores atuam, no posto do vigia, na casa de alguns pescadores, na colônia de pescadores, nas instituições locais e nas oficinas onde são consertados os barcos.

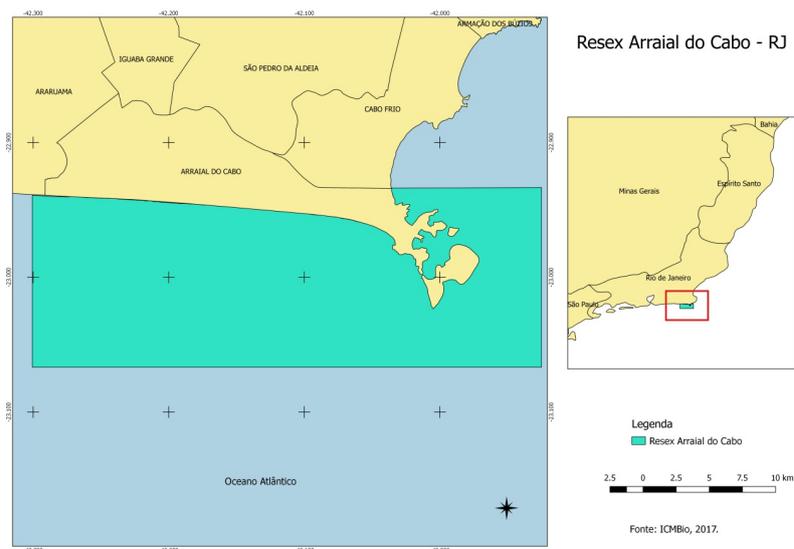


Figura 1: Localização da Reserva Extrativista Marinha de Arraial do Cabo RJ.

Fonte: Dados da pesquisa 2016.

A escolha do município de Arraial do Cabo para estudo se justifica pelo fato deste ser, como mostram Mendonça, Moraes e Costa (2013), um dos municípios mais tradicionais no que se refere à pesca artesanal no estado do Rio de Janeiro. Ainda de acordo com os autores, durante muitos anos a pesca artesanal se destacou como a principal fonte de renda para a população de Arraial do Cabo. Após a década de 1970, esse cenário sofreu modificações com o início da atividade turística. O aumento do fluxo dos turistas resultou no crescimento desordenado dessa atividade, que provocou o excesso de barcos na área e originou conflitos entre os pescadores artesanais e as empresas de turismo e de mergulho em torno do uso do espaço e dos recursos naturais. Os autores salientam que o crescimento das duas ocupações causou pressão sobre os estoques pesqueiros da região, fato que impulsionou no ano de 1993 as primeiras iniciativas da Prefeitura Municipal de Arraial do Cabo junto ao Centro Nacional de Desenvolvimento Sustentado das Populações Tradicionais – CNPT para tornar a área uma reserva marinha protegida.

Assim, a Reserva Extrativista Marinha de Arraial do Cabo foi criada em 1997, com o objetivo principal de assegurar a manutenção da atividade pesqueira artesanal com suas técnicas e métodos tradicionais de exploração, contribuindo, assim, para o manejo sustentável dos recursos pesqueiros locais de um ecossistema marinho avaliado com alta biodiversidade na costa brasileira. Segundo Lobão e Loto (2012), foi delimitada uma área de três milhas marinhas que consistem em 56.769 ha de lâmina d'água para acesso à pesca somente por pescadores do município.

A Reserva Extrativista de Arraial do Cabo é objeto de diferentes pesquisas científicas que evidenciam a importância das espécies marinhas locais, os impactos socioeconômicos e ambientais gerados pela ampliação de atividades econômicas no município, a cadeia produtiva da pesca artesanal, a etnobotânica e a sustentabilidade dentro da Resexmar, os desafios da gestão compartilhada, dentre outros temas que mostram a relevância e os desafios enfrentados pela pesca artesanal e pelo modelo de gestão do território (LOTO, 2013). No entanto, ainda não há estudos que coloquem em foco a transmissão do saber tradicional da pesca artesanal no município e as perspectivas futuras para a continuidade da atividade pelas gerações de pescadores mais jovens.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Noves jovens pescadores artesanais com idades entre 15 e 29 anos participaram da presente pesquisa, todos do sexo masculino e que trabalham atualmente na atividade (não foram encontradas jovens do sexo

feminino, uma vez que aquelas que estão envolvidas com atividades de salga e beneficiamento do pescado trabalham em outras ocupações durante o dia, fato que dificultou a realização das entrevistas com as mesmas). Martins e Alvim (2016) ajudam a compreender o fato de as pescadoras artesanais que fazem o beneficiamento do pescado precisarem buscar outras fontes de renda. Estes autores elucidam que a participação feminina no setor da pesca artesanal está crescendo, no entanto, a atuação da mulher acontece em um contexto de invisibilidade e desvalorização. O trabalho feminino muitas vezes é interpretado como extensão das atividades domésticas e não como parte do circuito da pesca, o que de acordo com os autores expõe a fragilidade da identidade profissional das pescadoras. Os autores destacam que a inserção da mulher na atividade possibilita não apenas a produção de alimento e geração de renda, mas também a manutenção da atividade e introdução dos filhos nas tarefas contribuindo para a transmissão dos conhecimentos, em meio as condições adversas enfrentadas.

Do total dos entrevistados, apenas dois não estão estudando atualmente, tendo interrompido os estudos devido à dificuldade de conciliá-los com o trabalho de pesca já que, como explicam, há pescadores que saem às 3 horas da madrugada e retornam às 10 horas da manhã; pescadores que saem às 6 horas da manhã retornando às 17 horas e pescadores que saem no finalzinho da tarde e só retornam durante a madrugada. No entanto, os dois jovens mostraram o desejo de um dia retomar os estudos. Ainda convém mencionar que, um dos entrevistados está matriculado no ensino superior, realizando graduação em Educação Física. A maioria trabalha há pelo menos cinco anos com a pesca; começaram a pescar com idades entre os 9 a 15 anos. Além da captura, sabem beneficiar o peixe, comercializar e fazer pequenos consertos em redes e motores. A Tabela 1 mostra informações sobre a faixa etária, escolaridade e tempo de trabalho com a pesca dos jovens participantes da pesquisa.

Tabela 1: Informações etárias, de escolaridade e tempo de trabalho com a pesca dos jovens pescadores artesanais da Resexmar de Arraial do Cabo RJ.

Idade	Grau de escolaridade	Estuda atualmente	Há quanto tempo trabalha na pesca
15 anos	7º série	Sim	5 anos
16 anos	6º série	Sim	8 anos
17 anos	1º ano	Sim	8 anos
17 anos	9º ano	Sim	4 anos
18 anos	8 ano	Sim	3 anos
19 anos	3º ano	Sim	4 anos
23 anos	6º série	Não	8 anos
26 anos	1º ano	Não	15 anos
29 anos	Ensino Superior	Sim	14 anos

Fonte: Dados da pesquisa de campo (2016).

No que se refere à forma como se tornaram pescadores, apenas um jovem esclarece que não aprendeu a atividade com os pais ou familiares. Ele narra que sempre gostou de ir à praia e acompanhar o trabalho dos pescadores, até se interessar e começar a ir pescar e mergulhar com os mesmos. Os demais têm origem em famílias de pescadores e aprenderam a profissão acompanhando os pais desde crianças. Ao serem questionados sobre como se tornaram pescadores, alguns formularam uma resposta simples: está no "sangue". Especificamente houve o caso de um jovem cujo pai não queria que ele se tornasse pescador e se recusava a levá-lo para à pescaria. No entanto, ele experimentou o primeiro contato com a pesca acompanhando outros membros da família e explica que "pegou gosto". Outro jovem, conta que começou na profissão porque estava "entrando no caminho errado" (ao se referir às drogas) e a solução encontrada pela família foi colocá-lo na pesca.

A aprendizagem e a experiência, de acordo com as entrevistas (Quadro 1), vêm por meio da observação e do contato com os mais velhos. Um jovem explica que com o falecimento do avô, ele atualmente aprende com os companheiros de barco e também procura por pescadores com mais experiência e observa como desenvolver certas habilidades, como por exemplo, costurar redes.

Quadro 1: Inserção na atividade pesqueira e aprendizagem, jovens pescadores, Arraial do Cabo, 2016.

Me tornei pescador porque está no sangue, né? (entrevista nº 13, 16 anos). Na verdade, quem começou me levando pro mar foi meu tio que me levava na sexta de tarde e no sábado, eu pescava de sexta pra sábado e no domingo eu descansava pra na segunda estar estudando. Aí, meu pai mesmo não queria me levar pra pescar, falava pra eu estudar. Mas meu tio foi me levando, me levando, aí acabei gostando e fiquei (...) meu pai me mandava estudar mas estava no sangue (entrevista nº 24, 26 anos).	Inserção na atividade
Me tornei pescador porque eu estava estudando, aí daqui a pouco comecei a entrar numa vida errada, aí a solução foi começar a acompanhar meu pai que saia pra pescar e fiquei (entrevista nº 26, 18 anos).	
Meu pai era pescador e comecei acompanhando ele, ele ia me ensinando, ia prestando atenção também como as outras pessoas que sabiam pescava (entrevista nº 28, 17 anos).	Aprendizagem
Eu ia com meu avô de caíco, barquinho pequeno e ele me ensinava as coisas, aí ele faleceu e eu fiquei, aí continuei pescando. Hoje eu procuro os mais velhos, fico do lado vendo eles costurar redes e continuo aprendendo (entrevista nº 29, 15 anos).	

Fonte: Dados da pesquisa de campo (2016).

A transgeracionalidade é característica da profissão de pescador artesanal e perpassa a história familiar. Chama atenção o fato de alguns jovens mencionarem a pesca artesanal como uma marca identitária que está no “sangue”, como se tornarse pescador artesanal fosse biologicamente hereditário. Almeida e Magalhães (2011) ajudam a entender esse sentimento de filiação ao afirmarem que família significa pertencimento e no caso dos pescadores podemos entender que a metáfora do sangue situa cada jovem em uma árvore genealógica na qual se identificam as lealdades, sejam elas em relação ao capital social do sobrenome que a família constituiu em um campo de atividade, seja também porque a família já ocupa um lugar na cartografia profissional e local e disponibiliza aos jovens os percursos já abertos.

Como ressaltam Almeida e Magalhães (2011), na lealdade familiar estão implícitos os atos de dar, receber e retribuir. Outra característica da transmissão geracional também evidenciada é que essa transgeracionalidade não ocorre somente no interior das famílias, mas também pelos valores repassados pela solidariedade dos membros da cultura em que o indivíduo está inserido. Jovens pescadores da Resexmar de Arraial do Cabo podem aprender a profissão e adquirir experiência também no convívio com os companheiros de embarcações e observando como outros pescadores mais experientes executam atividades como consertar redes, dentre outras atribuições. Mesmo quando a família argumenta que não deseja a profissão para os filhos, os “velhos portadores” de cultura (MANHEIM, 1928) assumem o papel de transmissores, não havendo registros de conflito em torno dessa decisão.

Ao serem questionados se gostam da profissão, a maioria dos entrevistados (N=5) afirma que sim e os motivos (Figura 2) estão relacionados ao contato com a natureza, a convivência no trabalho com os amigos e ao sentimento de liberdade. No que se refere aos motivos para não gostar da profissão, são mencionados a pesca predatória, a escassez de pescado e o fato de atualmente a pesca não garantir autossuficiência financeira.



Figura 2: Motivos para gostar da profissão.

Fonte: Dados da pesquisa de campo (2016).

Dos jovens que participaram da pesquisa, 3 possuem seu próprio barco, os quais foram adquiridos com recursos provenientes da atividade pesqueira. O outro jovem adquiriu seu barco novo, com a venda de um imóvel, e serve tanto para a pesca como para passeio. Os demais jovens, que não possuem embarcação própria, trabalham no barco dos pais ou em barco de terceiros. O dinheiro da produção é dividido após ser retirada a parte de despesas do barco. Alguns pescadores recebem por dia e outros por semana. Em média, quando a pesca está boa o valor alcança cerca de R\$ 400,00 por dia e quando a pesca está ruim recebem em média R\$ 100,00 pelo dia, havendo também ocasiões em que voltam para casa sem rendimentos.

Ainda que todos estejam trabalhando na pesca, 4 jovens exercem também outras atividades que estão ligadas ao turismo como passeio de barcos, o trabalho na praia como camelô e ainda o comércio de pescado. Como explicam, muitas famílias de pescadores se dividem em mais de uma atividade como forma de complementar a renda. Na opinião desses jovens no contexto atual não é possível depender exclusivamente da pesca. Como os pescadores artesanais de Arraial do Cabo exercem a profissão dentro de uma área protegida, fazia parte do roteiro questionar se, na opinião deles, o fato de estarem pescando dentro de uma Reserva Extrativista Marinha oferecia alguma vantagem à profissão e à proteção da atividade. De acordo com 7 jovens, não há como apontar pontos positivos, uma vez que a fiscalização não funciona adequadamente. As principais queixas estão relacionadas à quantidade de barcos destinados à atividade de turismo e às pescas industriais e predatórias que, segundo eles, são constantes na área.

Ainda de acordo com os entrevistados, é comum embarcações artesanais estarem pescando e encontrarem dificuldades devido ao trânsito de embarcações maiores de pesca industrial como mostra o Quadro 2.

Quadro 2: A importância da fiscalização para os jovens pescadores, Arraial do Cabo, 2016.

(...) Teria pontos positivos pra um pescador artesanal viver dentro de uma área protegida se houvesse fiscalização, a pesca industrial é extremamente atuante aqui dentro da nossa reserva (entrevista nº 25, 29 anos).	Fiscalização
Para o pescador hoje as principais dificuldades são os barcos de passeio atrapalhando (...). O fato de ser uma reserva não muda nada porque a pesca só está piorando. Pra trabalhar numa área protegida seria bom se os barcos que não poderiam trabalhar realmente não tivessem atuando na área (entrevista nº 26, 18 anos).	
A turma está vindo de fora e pegando o espaço da gente. Os caras estão só trazendo barco e fazendo essa bagunça que está aí, não tem órgão nenhum que fiscaliza (...). A criação da Reserva não mudou nada, está tudo do mesmo jeito. O fato de ser uma área protegida era pra favorecer o pescador se fosse fiscalizado porque aqui tem tudo, lula, mexilhão, polvo tudo aí (entrevista nº 27, 23 anos).	

Fonte: Dados da pesquisa de campo (2016).

Também como já previa Mannheim (1928), a transgeracionalidade é marcada pela presença de eventos que quebram a continuidade da história e, no caso específico dos pescadores artesanais de Arraial do Cabo, a chegada da atividade turística e da pesca industrial no município foram marcos que mudaram o status da pesca artesanal, que deixou de ser a principal atividade econômica. Fica claro que, na visão dos jovens pescadores, os arranjos institucionais criados para a gestão do território como Unidade de Conservação não impediram que novos atores sociais desequilbrassem a composição de forças políticas e econômicas e que tais arranjos também não disciplinaram a utilização dos recursos naturais, dos quais a pesca artesanal depende.

Nesse contexto, a maioria dos jovens pescadores entrevistados não consegue ver boas perspectivas para o futuro na pesca artesanal dentro da Reserva (Quadro 3). Todos afirmam que não gostariam de ver seus filhos vivendo da pesca, seja pelas dificuldades enfrentadas pela atividade atualmente ou por se tratar de um trabalho "sacrificante". Expressam o desejo de que os filhos tenham "emprego fixo" ou que valorizem mais os estudos. Ainda assim, um jovem afirmou que, apesar de não ser o futuro desejado para as gerações posteriores, acredita que é importante ensinar aos filhos o ofício. Outro jovem reconhece o valor de os filhos aprenderem a cultura dos pescadores, ainda que não veja condições econômicas de viver apenas da pesca.

Quadro 3: A transgeracionalidade vista pelos jovens pescadores, Arraial do Cabo, 2016.

Todos os pais, ninguém quer que o filho permaneça naquilo dali. E a tendência que eu vejo sendo sempre falada né, é que o peixe está acabando, eu até discordo porque Deus é muito generoso e eu creio que ele não vai deixar acabar o peixe, mas está acabando na verdade os pescadores, a tradição, e com isso o que está favorecendo é a pesca industrial que é a tal prejudicadora de todo o ecossistema (...). Igual você já reparou que o número de pescadores é de gente mais velha né, porque o pai quer que o filho estude, seja um doutor (entrevista nº 25, 29 anos).	transgeracionalidade e tradição
Não gostaria que meus filhos trabalhassem com pesca não, queria um trabalho fixo pra eles. Mas é importante ensinar porque quando não tem o que fazer, tira a gente das ruas e dos coisas ruins (entrevista nº 29, 15 anos).	
Se um dia eu tiver filho eu gostaria que ele aprendesse um pouco da cultura dos pescadores. É importante continuar com a pesca conforme os antigos faziam. Não é uma profissão valorizada pela sociedade porque não tem mais como depender exclusivamente da pesca como antigamente (entrevista nº 28, masculino, 17 anos).	

Fonte: Dados da pesquisa de campo (2016).

Essas condições colocam em evidência outras características da transgeracionalidade, apontadas em Garcia (2007) e Falcke e Wagner (2005), que destacam a tentativa de rejeição do modelo familiar de origem pelas gerações mais jovens e a busca por novos padrões. O que se percebe ao observar os resultados da Resexmar de Arraial do Cabo é que, os pescadores artesanais estão ligados por uma unidade geracional que, de certo modo, apresenta receptividade a essa tentativa de ruptura. Notase nas falas dos jovens que os pais também compartilham do desejo de ruptura do modelo familiar até então reproduzido e incentivam a busca de um novo modelo profissional para as gerações procedentes. Garcia (2007) já mostrava isso em sua pesquisa ao evidenciar o receio e os sentimentos de ambivalência dos pais acerca da continuidade da atividade pesqueira pelas gerações futuras. A autora mostra que, apesar de gostarem do trabalho com a pesca, como também foi confirmado na presente pesquisa, as famílias não querem que seus filhos vivenciem as dificuldades socioeconômicas decorrentes da atividade no contexto atual.

Essa abertura do modelo familiar a outras possibilidades profissionais nos lembra os sistemas familiares mencionados por Cerveny (2006) ao trazer a morfogênese e o feedback como elementos operantes. No caso apresentado, o feedback negativo de toda essa experiência de disputa pelos recursos naturais, por espaço e por reconhecimento social faz com que o modelo familiar dos pescadores se torne mais flexível à autotransformação, buscando formas de mudança e adquirindo configurações diferentes da anterior. Dubar (2005) ajuda a compreender essa autotransformação ao salientar que são múltiplas as dimensões que operam na formação da identidade dos indivíduos. Destaca que a identidade profissional adquire importância particular em um contexto em que certas atividades não oferecem o mesmo retorno financeiro, o mesmo status e reconhecimento social e a mesma seguridade pessoal e subjetiva que antes. O autor defende que a privação de trabalho e de seus benefícios é um sofrimento íntimo, um golpe na autoestima; por outro lado, ser reconhecido em seu campo trabalho e ter o trabalho reconhecido pela sociedade são indicadores da criatividade social.

Quando questionados a respeito da importância da continuidade da pesca, todos reconhecem a necessidade de se mantê-la como tradição repassada ao longo das gerações, mas essa valorização é contrabalançada pela falta de reconhecimento social da profissão e pela ausência de fiscalização para assegurar a preservação dos recursos e a continuidade do modo artesanal de pescar, como apresentado no Quadro 4. Um entrevistado comenta que as tecnologias empregadas pela pesca industrial, oferecem melhores resultados de produtividade e por esse motivo quase nenhum jovem tem condições de seguir com a profissão artesanalmente e com ela prover o sustento das famílias.

Quadro 4: Perspectivas de continuidade, jovens pescadores, Arraial do Cabo, 2016.

A continuidade é importante porque vem de muitas gerações. Lá em casa vêm do meu avô do meu pai, é um conhecimento muito bom mas quase nenhum jovem quer pescar, né? (entrevista nº 13, 16 anos).	Continuidade
É importante a continuidade da pesca artesanal para manter a tradição e ter algo fresco e saudável para colocar na mesa (entrevista nº 24, 26 anos).	
Os vigias, coitados, são outra classe que está sumindo, é uma atividade que está procurando pessoas jovens que querem estar aprendendo. Mas aí não sei se você concorda comigo, o cara só vai aprender se o peixe chegar ali, ele só consegue efetivar o que ele está aprendendo se o peixe chegar porque ele fica num lugar físico, terrestre, aguardando o que vem, parado. Com a pesca industrial, com a tecnologia, o cara tem sonda, tem sonar pra achar e ir atrás do peixe (...). Essa é uma tecnologia que mesmo com toda sabedoria do vigia e do nosso conhecimento não vai adiantar de nada porque a tecnologia tem sido usada pra pesca industrial e sendo acolhida pelos que seriam pescadores artesanais e dá pra prejudicar tudo (entrevista nº 25, 29 anos).	Tecnologia

Fonte: Dados da pesquisa de campo (2016).

Os jovens pescadores explicam que atualmente a pesca não condiz com o que ouvem dos mais velhos quando se referem ao passado e que hoje a profissão não oferece o mesmo retorno financeiro que um dia já proporcionou. Quando questionados se gostariam de ter outra profissão, a maioria (N=5) afirma que sim, e entre as profissões mencionadas estão as carreiras de biólogo marinho, bombeiro, policial, educador físico, e o trabalho com plataforma de extração de petróleo. Narram também que para alguns jovens a alternativa é continuar na pesca porque não tiveram oportunidade de continuar os estudos e hoje em dia já constituíram família.

Para os outros, a continuidade na profissão vem do fato de não conseguirem se ver em outro ofício e, apesar de todas as dificuldades, para eles há a esperança de que um dia a situação possa melhorar. Alguns jovens afirmam ter esperança de que no futuro haja mais fiscalização e isso revitalize a pesca (Quadro 5). Acreditam também que o turismo, se desenvolvido de forma organizada e consciente, não seria um problema para a pesca artesanal. Um dos jovens explicou que faz parte do Conselho Deliberativo da Reserva como representante do turismo e observa que não percebe envolvimento e interesse dos demais jovens pescadores em participarem das reuniões e discussões que sempre estão relacionadas à pesca artesanal, e que a participação e articulação coletiva pode ser um caminho para que as coisas melhorem.

Quadro 5. A esperança e a falta de esperança de jovens pescadores, Arraial do Cabo, 2016.

Minhas perspectivas para a pesca em Arraial é uma esperança de que vai melhorar para o pescador. Muita gente da minha idade tem gosto pela pesca, mas a sociedade não valoriza muito nossa profissão, o que falta hoje na nossa profissão é um devido reconhecimento (entrevista nº 24, 26 anos).	Esperança
Aqui em Arraial no período de dezembro até março é um puta fornecedor de lula. Essa informação nunca chegou lá fora, ninguém sabe que Arraial é fornecedor de lula, e é uma captura artesanal. (...) As principais dificuldades é que os peixes não tem mais valor igual antes, estão baratos (...) eu não me imagino pescando daqui alguns anos porque quero terminar de estudar e ter uma profissão melhor, a pesca aqui os antigos falam que está só piorando (entrevista nº 29, 15 anos).	Desesperança

Fonte: Dados da pesquisa de campo (2016).

As entrevistas com os jovens pescadores de Arraial do Cabo mostram justamente a percepção da desvalorização social da profissão, o que fere o legado herdado com a transgeracionalidade. Para Dubar (2005), a identidade é relacional, pois estabelece um diálogo entre o plano do “para si” e o plano do “para o outro”. Assim, no caso desta pesquisa, ao mesmo tempo em que os jovens afirmam gostar da profissão e destacam que ela “está no sangue” (identidade para si), eles também avaliam as condições atuais de reprodução social da pesca artesanal frente à competição com outros atores sociais, à degradação ambiental, ao preço do pescado e à ausência de apoios institucionais (identidade para o outro).

Dessa forma, o que observamos é que a identidade dos jovens pescadores é construída a partir da negociação entre suas identidades sociais reais, herdadas e profissionais. Dubar (2005) e Velho (2006) mostram o caráter de multipertencimento na construção das identidades, ou o fato de que as pessoas possuem experiências complexas que se movem em múltiplos planos, o que impede que as identidades sejam unilineares. Podese, como afirma Dubar (2005), transmitir e herdar legados de conhecimentos e técnicas de uma profissão, mas não a identidade profissional, pois essa é construída a partir das possibilidades e limitações concretas para a execução da atividade e dos processos simbólicos de reconhecimento e valorização social.

Diante disso, Cachadinha (2008) auxilia ao mostrar que o grande interesse pelos estudos e pela posse de diplomas, como forma de reconhecimento social, começa a crescer entre os jovens que exercem profissões consideradas artesanais e tradicionais. Isso fica claro quando os jovens pescadores de Arraial do Cabo expressam que no futuro não se veem na pesca e que os pais querem que os filhos estudem. No entanto, o que acontece para alguns jovens e que também foi apontado pela autora é que, apesar das perspectivas de mudança no projeto de vida profissional, nem sempre essas expectativas se realizam. Como foi expresso pelas entrevistas em Arraial do Cabo, alguns jovens não têm oportunidade de terminar os estudos ou sequer retomá-los, seja porque a jornada de trabalho, condicionada pelos elementos naturais, inviabiliza a compatibilidade com as exigências do ensino formal, seja porque os jovens já constituíram suas próprias famílias. Ainda assim, alguns nutrem o sentimento de esperança de que as condições do setor melhorem e possibilite para aqueles que gostam do ofício a escolha de permanecer como pescadores artesanais.

CONCLUSÃO

Filiando-se as perspectivas da Sociologia Rural que ressaltam a diversidade social da juventude rural no Brasil, marcando a heterogeneidade expressa em categorias juvenis de agricultores, sertanejos, ribeirinhos, semterra, e etc. como é expresso na obra "Juventudes Rurais: mapas de estudos recentes", de Nilson Weisheimer, este artigo reforça o uso do termo "juventudes" para expressar a diversidade de construções, experiências e identidades distintas da juventude brasileira. Este trabalho mostra que apesar de estarem em contextos e realidades diferentes de outras categorias juvenis, a perspectiva dos jovens pescadores artesanais de Arraial do Cabo para o futuro possui similitudes que os aproximam de segmentos juvenis de outros cenários nacionais, a exemplo dos jovens rurais que trazem também em suas trajetórias de vida a mesma característica de herdarem uma profissão que perpassa as gerações familiares, mas que confirmam que seus ofícios não são socialmente valorizados, como é o caso da agricultura familiar e da pesca artesanal.

O que se conclui a partir do presente estudo, é que o modelo de transmissão do saber tradicional pelas famílias de pescadores artesanais e as lealdades familiares e profissionais se encontram frente a processos desafiadores de manutenção, reconfigurações e rupturas. Os jovens e suas famílias não valorizam a tradição por simples apego incondicional ao passado; ao contrário, avaliam o campo de possibilidades para prosseguir com a atividade artesanal da pesca que, no contexto local atual, lhes é adverso. Embora se possa conjeturar uma possível ruptura na continuidade da herança profissional familiar, deve-se destacar que as lealdades permanecem, pois, as próprias famílias incentivam outras trajetórias profissionais para os jovens.

É válido lembrar que tal desafio deve ser destacado principalmente em face das contradições verificadas na gestão de uma Unidade de Conservação, na visão dos jovens pescadores, esse modelo não trouxe modificações positivas quanto à preservação dos recursos naturais e à segurança das populações tradicionais. Mais do que isso, não influenciou na revalorização social das atividades extrativistas.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. E. G. G.; MAGALHÃES, A. S. 2011 Escolha profissional na contempo-raneidade: projeto individual e projeto familiar. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**. 12 (2): 205-214. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-33902011000200008 acesso 14 de maio de 2017.

ARAÚJO, S. C. **Pescando letras**: diálogos interdisciplinares entre a educação ambiental e a alfabetização de jovens e adultos no contexto da pesca artesanal. Uni-versidade de Brasília, Brasília, 158f. (Dissertação Mestrado do Centro de Desenvol-vimento Sustentável) 2011 – Disponível: <http://www.repositorio.unb.br/handle/10482/9564>, acesso em 14 de maio de 2017.

BAUER, M.; GASKELL, G. **Pesquisa quantitativa com texto**: imagem e som: um manual prático. 12 ed. Petrópolis; Vozes, 2014 516 p.

CACHADINHA, M. B. V. G. Mudanças Familiares e Educativas no Meio Rural. **III Congresso Português de Sociologia: práticas e processos da Mudança Social**. Lis-boa, 17:17-19. 2008 Disponível em: https://aps.pt/wpcontent/upl ads/2017/08/DPR492ec59172c81_1.pdf >acesso em 17 de maio de 2017.

CAPELLESSO, A. J.; CAZELLA, A. A. 2011 Pesca artesanal entre crise econômica e problemas socioambientais: estudo de caso nos municípios de Garopaba e Imbituba (SC). **Ambiente e Sociedade**, XIV (2):15 -33. 2008 Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-753X2011000200003 > acesso em 17 de maio de 2017.

CERVENY, C. M.O. **A Família como modelo**: desconstruindo a patologia. Editora Livro Pleno, 1º edição, 2001 158 p.

CHIBA, W. A. C, ASSUNÇÃO, A. W. A.; TAKAO, L. K.; ROCHA, G. S.; JANKE, H; VALSKO, J.; EBERT, L. A.; FIGUEROA, M. E.; CUNHA, S. Caracterização da produção pesqueira ao longo do tempo, no município de Cananéia, litoral sul de São Paulo. **Boletim do Instituto de Pesca**, 38(3): 265 - 273. 2012 Disponível em: https://www.pesca.sp.gov.br/38_3_265-273.pdf, acesso em 17 de maio de 2017.

DIEGUES, A. C. Navegando pelas montanhas: pesca de marcação e mestrança em Galinhos, Rio Grande do Norte-Brasil. In: **A Imagem das águas**. São Paulo: Huci-tec, Núcleo de Apoio à Pesquisa sobre Populações Humanas e Áreas Úmidas Brasi-leiras, USP, 2000. 207p.

DIEGUES, A. C. **A pesca construindo sociedades**: leituras em antropologia marí-tima e pesqueira. Paulo: Núcleo de Apoio à pesquisa sobre populações humanas e áreas úmidas brasileiras, USP; 2004, 315 p.

DUBAR, C. **A socialização: construção das identidades sociais e profissionais**. Tradução: André Stahel M. da Silva, São Paulo, Martins Fontes, 2005. 343 p.

FALCKE, D.; WAGNER, A. A dinâmica familiar e o fenômeno da transgeracio-nalidade: definição de conceitos. In: WAGNER, Adriana (org.). **Como se perpetua a família?** A transmissão dos modelos familiares. Porto Alegre: EDIPUCRS, 25-46, 2005.

FERNÁNDEZ, A. R. Los esquemas culturales: una propuesta teórico metodoló-gica para elestudio de La identidadenjóvenes pescadores de Armería, Colima, Méxi-co, **Estudios sobre las Culturas Contemporáneas**, XXI (42): 127-165, 2015. Disponível em: <https://www.redalyc.org/jatsRepo/316/31642649007/html/index.html>, acesso em 17 de maio de 2017.

GARCIA, N. M. **Educação nas famílias de pescadores artesanais**: transmissão geracional e processos de resiliência. Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 87 f. (Dissertação Mestrado do Programa de Pós-graduação em educação ambiental). 2007. Disponível em <<http://repositorio.furg.br/bitstream/handle/1/2741/narjara%20garcia.pdf?sequence=1>> acesso em 14 de maio de 2017.

LOBÃO, R. J. S.; LOTO, L. Análise de dois casos de modelos de gestão Com-partilhada em pescarias artesanais: Reservas Extrativistas Marinhas (Brasil) vs. Áreas de manejo e Exploração de recursos bentônicos (chile). **Confluências**, 14 (1): 1 - 18. 2012. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/confluencias/article/download/34393/19794>, acesso 10 de maio de 2017.

LOTO, L. **Atualização do estado dos sistemas pesqueiros em Arraial do Cabo e Itaipu**. (RJ Brasil). Relatório

do Núcleo de Pesquisas sobre Práticas e Instituições Jurídicas (NUPIJ). Universidade Federal Fluminense. Rio de Janeiro. Disponível em: <https://docplayer.com.br/62970221-Atualizacao-do-estado-dos-sistemas-pesqueiros-em-arraial-do-cabo-e-itaipu-rj-brasil.html>, acesso em 10 de maio de 2017.

MACHADO, M. F.; RIBEIRO, M. A. T. Os discursos de homens jovens sobre o acesso aos serviços de saúde. **Interface: comunicação saúde educação**, 16 (41): 343-55. 2012. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-32832012005000029&script=sci_abstract&tlng=pt, acesso em 17 de maio de 2017.

MANNHEIM, K. O problema das gerações. In: FORACCHI M.M. (org), **Karl Man-nheim**: Sociologia, São Paulo, Ática, pp. 67-95. 1928.

MARTINS, M. L. S.; ALVIM, R. G. Perspectivas do trabalho feminino na pesca artesanal: particularidades da comunidade Ilha do Beto, Sergipe, Brasil. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi –Ciências Humanas**, Belém, 11 (2): 379-390. 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/bgoeldi/v11n2/1981-8122-bgoeldi-11-2-0379.pdf>, acesso 21 de agosto de 2020.

MENDONÇA, T. C. M.; MORAES, E. A.; COSTA, M. A. M. Turismo e pesca nas Reservas Extrativistas Marinhas de Arraial do Cabo (RJ) e da Prainha do Canto Ver-de (CE): possibilidades e limites de complementaridade. **Caderno Virtual de Turismo**, 13 (3): 372-390. 2013. Disponível em: <http://www.ivt.coppe.ufrj.br/caderno/index.php/caderno/article/view/879>, acesso 12 de maio de 2017.

MINISTÉRIO DA PESCA E AQUICULTURA. **Pesca Artesanal**. Disponível em: <http://www.mpa.gov.br/index.php/pesca/artesanal>>. Acesso em: 20 maio 2016.

SILVA, C. A. **Pesca artesanal e produção do espaço**: desafios para a reflexão geográfica, Rio de Janeiro, Consequência. 2014. 174 p.

VELHO, G. Juventudes, projetos e trajetórias na sociedade contemporânea. In: ALMEIDA, M.I.; EUGENIO, F. **Culturas jovens**: novos mapas do afeto, Rio de Janeiro. Zahar. p.192-200. 2006.

VIEIRA, N. C.; MORAES, S. C.; NUNES, Z. M. P. A study of fishing and education all evel of Young fishers on the Bonifácio village, Bragança, Pará, Northern Coast of Brazil. **Boletim do Instituto de Pesca**. 39(2): 195 – 204. 2013. Disponível em: <https://www.pesca.sp.gov.br/boletim/index.php/bip/article/view/991>, acesso 17 de maio de 2017.

WEISHEIMER, N. **Juventudes rurais**: mapa de estudos recentes. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2005. 76p. Disponível em: <http://atividaderural.com.br/artigos/568ba7c7c3acf.pdf>, acesso em 10 de maio de 2017.